

O ENXAME DIGITAL E SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA EM “BETTER FROM US”: UM OLHAR SOBRE A PERSPECTIVA DIGITAL DE BYUNG-CHUL HAN EM UMA ANÁLISE ESTÉTICA DA SÉRIE RUSSA “BETTER FROM US”

THE SWARM AND THE TRANSPARENCY SOCIETY IN “BETTER THAN US”: A LOOK OVER BYUNG-CHUL HAN’S DIGITAL PERSPECTIVE IN AN AESTHETIC ANALYSIS OF THE RUSSIAN SERIES “BETTER FROM US”

Ricardo Lima Praciano de Sousa¹

RESUMO

Este artigo procura apresentar alguns temas filosóficos de Byung-Chul Han em sua análise das perspectivas da sociedade digital e sua estética da transparência, ilustrada pela série de televisão russa “Better than Us”. Para isso, serão utilizados dois livros de Han, “No Enxame” e “Sociedade da Transparência”. Através de uma alegoria midiática, mesclando elementos de filosofia e TV, uma narrativa reflexiva foi construída em um contexto de ficção científica, usando temas abordados por Han e refletindo sobre eles à luz dos episódios de “Better Than Us”. Objetiva proporcionar uma reflexão sobre os fenômenos da sociedade atual, caracterizada por positividade excessiva, superficialidade e enfraquecimento da subjetividade pautada pela transparência e suas consequências, com reflexos na vida pessoal, social e profissional.

Palavras-chave: Sociedade. Digital. Transparente. Ficção Científica. Better than Us.

¹ Aluno especial Mestrado Acadêmico, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Professor e Coordenador do Centro de Referência em Tecnologia Educacional, Secretaria de Educação do Distrito Federal. *E-mail*: ricardo.sousa@edu.se.df.gov.br

ABSTRACT

This paper searches to present some philosophical themes of Byung-Chul Han in his analysis of perspectives of digital society and its aesthetics of transparency, illustrated by the Russian television series “Better than Us”. For this, two books by Han will be used, “No Swarm” and “Transparency Society”. Through a mediatic allegory, blending elements of philosophy and TV, a reflective narrative was constructed in a science fiction context, using themes approached by Han and reflecting on them in light of the “Better than Us” episodes. Aim to providing a reflection on the phenomena of today’s society, characterized by excessive positivity, superficiality and weakening of subjectivity guided by transparency and its consequences, with reflections in the personal, social and working life.

Keywords: Society. Digital. Transparent. Science Fiction. Better than Us.

INTRODUÇÃO

As antigas previsões para as perspectivas de vida no século XXI muitas vezes apresentavam uma visão muito afeita às possíveis melhorias que a tecnologia poderia proporcionar à sociedade, Júlio Verne² (1828-1905), no século XIX escrevia sobre como seria a vida no “futuro” e foi feliz em algumas de suas previsões como o submarino, a internet, os satélites artificiais, por exemplo. Já no século XX, referências culturais, como o desenho animado “Os Jetsons” previam um contexto futurista com carros voadores, auxiliares robôs nos serviços domésticos e um contexto trabalhista menos estressante, embora com seus problemas também. Apontava para uma integração amistosa entre humanos e robôs e um sistema de trabalho menos explorador e horas disponíveis para a família e a lazer, em detrimento de outras obras que estabeleciam uma integração violenta e pouco pacífica entre homens e robôs.

Voltando à literatura, autores de ficção científica costumam apresentar em suas obras um futuro distópico e/ou visões idealizadas de evolução tecnológica. Em algumas abordagens o cenário apresentado é de uma sociedade muitas vezes exaurida e pessoas desoladas. Nessa linha, há exemplos como o livro “1984” de George Orwell (1903-1950), posteriormente roteirizado e migrado para o cinema. Na sétima arte, filmes como “*Metropolis*” (1927) dirigido pelo alemão Fritz Lang (1890-1976), “*Blade Runner*” (1982) dirigido por Ridley Scott (1937-) e “Eu, Robô” (2004) de Alex Proyas (1963-) são alguns exemplos no amplo repertório disponível em linguagem cinematográfica que abordaram a temática de evolução tecnológica dissociada da evolução social. São elementos da cultura que abordam por caminhos próprios a apresentação de histórias que buscam integrar a existência humana com a plena utilização de dispositivos tecnológicos como robôs e máquinas “pseudointeligentes”, discorrendo sobre os vícios, virtudes e apresentando caminhos para os problemas inerentes a essa adaptação.

No presente ensaio busca-se refletir sobre temas abordados pelo filósofo Byung-Chul Han e ilustrar essa reflexão com uma análise de um elemento cultural alinhado à ficção científica no campo distópico, a série televisiva “*Better than Us*” (*Luchshe, chem lyudi- Rússia – 2018*) sob uma perspectiva filosófica e estética. “*Melhor que humanos*”, numa tradução direta, é distribuída no Brasil pela provedora global de filmes e séries de TV por *streaming*³ Netflix.

² Jules Gabriel Verne, escritor Francês (1828-1905), considerado um dos fundadores do gênero literário da ficção científica.

³ Um método de transmissão/recepção de dados (arquivos de vídeo e áudio) por uma rede de computadores como um fluxo constante e contínuo, permitindo que a reprodução inicie enquanto

Byung-Chul Han (1959) nasceu em Seul, Coréia do Sul, seus estudos acadêmicos tiveram início na Universidade da Coréia, como estudante de Metalurgia, posteriormente mudou para a Alemanha para estudar, decide estudar Filosofia na Universidade de Freiburg e posteriormente, Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Suas influências filosóficas caminham nas mesmas trilhas de Heidegger. De acordo com Cunha (2015), Han segue a tradição filosófica continental da ciência, busca referências em autores como Hegel, Benjamin, Foucault, Baudrillard, R. Sennett, entre outros. O filósofo coreano denota uma paisagem de degradação do humano por meio da positivação da sociedade. A positivação se dá quando se perde a negatividade do outro, aplainando relações, padronizando sentimentos (CUNHA, 2015).

A análise proposta observará alguns pressupostos sobre temas reflexivos que Byung-Chul Han aborda em suas obras, estabelecendo um paralelo ilustrativo com a série televisiva mencionada. Em seus textos, Han analisa criticamente a pós-modernidade, nos campos do neoliberalismo, a exploração do homem, a perda da liberdade, as implicações negativas do uso das redes digitais, a positivação excessiva da pós-modernidade, a sociedade em suas relações humanas superficiais, entre outros temas. Neste trabalho, as obras de referência para a elaboração da análise são os livros “No Exame – Perspectivas do Digital” de 2018 e “Sociedade da Transparência” de 2017. Assim, o artigo procurará discorrer um pouco sobre a filosofia de Han, usando a série *Better than Us* como ilustração da reflexão.

Better than Us é uma série de TV por assinatura, criada por Andrey Junkovsky, Aleksandr Dagan e Aleksandr Kessel, ambos russos. Produzida em cooperação pelas empresas de mídia *Yellow, Black and White*⁴ e *Sputnik Vostok Production*⁵ para o canal Russo C1R, posteriormente a Netflix adquiriu os direitos para distribuição global. Inicialmente, na Rússia foram produzidas duas temporadas de oito episódios, que foram aglutinadas em uma só para a distribuição mundial, com 16 capítulos. A série apresenta a história da família Safronov (pai, mãe e um casal de filhos) que passa por problemas relacionados à separação dos pais e subsequente união da mãe (Olga Lomonosova como *Alla Safronov*) com outro homem. O pai (Kirill Käro como *Georgy Safronov*) deseja reconstruir o antigo lar em meio a dificuldades pessoais e profissionais. Nesse cenário emocional adiciona-se a presença de um robô (Paulina

o restante dos dados ainda está sendo recebido, como um fluxo de água em uma mangueira (MICHAELLIS, 2019).

⁴ <http://ybw-group.ru/> (russo/inglês)

⁵ <https://www.sputnikvostok.ru/> (russo/inglês)

Andreeva como *Arisa*), que deixa a empresa em que foi entregue (Cronos) e encontra a caçula da família Safronov, de forma ocasional. A partir desse ponto, *Arisa* “adota” a família, e de acordo com suas diretivas passa a interagir, cuidar, proteger ao ponto de ser capaz de matar para manter a família a salvo, enquanto a corporação da qual pertence a procura incessantemente para usá-la como elemento chave em programa de aposentadoria antecipada, planejado pelo governo. A partir dessa linha principal, ao roteiro se integram investigações policiais, traições e cyber-terroristas que compõem a temática da série. O viés assassino do robô em questão, contradiz as diretrizes estipuladas pelas leis da robótica, que apesar de fazer parte de um conto de ficção científica, escrito por Isaac Asimov (1920-1992), são consideradas como fundamento filosófico pelos pesquisadores da área:

- 1 – Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.
- 2 – Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a Primeira Lei.
- 3 – Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira e a Segunda Leis.

**MANUAL DE ROBÓTICA 56ª Edição,
2058 A.D. (ASIMOV, 1969, grifo do original)**

1 ANÁLISE

A escolha da série como objeto de análise buscou focar aspectos diferenciadores, além de representar um belo contexto ilustrativo para refletir o pensamento de Han, aspectos como se tratar de uma produção do leste europeu e contemplar uma estética própria. Uma outra referência relevante observada na série, o programa de aposentadoria antecipada apresentada no roteiro, a substituição do trabalho humano por robôs e o uso de robôs como acompanhantes de idosos, aposentados e também “bonecos” sexuais.

A série “*Better Than Us*” apresentou números expressivos de audiência em sua distribuição global. Os números precisos não são divulgados pela empresa Netflix, mas sabe-se que no final de agosto de 2019 ela ficou entre as séries com maior audiência no canal de streaming, e como forma de agradecimento por tamanha repercussão, o elenco principal gravou um vídeo agradecendo em nos 25 idiomas⁶ falados nos países foi distribuída.

De acordo com Internet Movie Database (IMDb), referência no acompanhamento e classificação de produção cinematográfica e audiovisual, *Better than Us* foi

⁶ Agradecimento elenco: <https://www.facebook.com/watch/?v=374778873441745>

categorizado pelo usuários que avaliaram com uma nota 7,4⁷, mostrando boa aceitação do público que assistiu a série. No momento da elaboração deste trabalho não havia informação sobre a prosseguimento da série, embora o episódio 16 dá indícios dessa continuidade (AMAZON, 2018).

O livro “No Enxame, perspectivas do digital” (*Im Schwarm – Ansichten des Digitalen*—Matthes & Seitz 2013), publicado no Brasil pela Vozes em 2018, é uma análise crítica sobre o horizonte social, político e estético sobre as consequências do uso exacerbado dos meios digitais. A outra obra utilizada, “Sociedade da Transparência” (*Transparenzgesellschaft*. Matthes & Seitz, Berlin 2012), igualmente publicada pela editora Vozes, mas em 2017, aborda a transparência como força cultural originada no neoliberalismo como estratégia para o mercado capitalista, suas implicações sociais, estéticas e políticas. Ambas as obras dialogam entre si, e também com outras publicações de Han, como a “Salvação do Belo”, “Psicopolítica” e “Sociedade do Cansaço”. São livros relativamente curtos, mas profundos, com linguagem objetiva, mas sem perder aprofundamento, Han aprecia a etimologia e procura explorar essa característica muitas vezes fundamentando seu raciocínio no significado raiz de certas palavras, normalmente em alemão. O livro é organizado em dezesseis textos e um prefácio, onde o coreano expressa suas reflexões sobre temas relacionados à perspectiva digital da sociedade, dos meios de comunicação, da política, da arte e filosofia.

1.1 RESPEITO E O PÁTHOS DA DISTÂNCIA

O texto de abertura da obra “No Enxame” aborda a temática do *respeito*, fundamentado na raiz etimológica, trata-se de “olhar para trás” ou “olhar de volta”, por conseguinte o respeito pressupõe um olhar distanciado, um *páthos* da distância. Han (2018) entende que o digital com sua instantaneidade, nega a distância e por consequência estabelece o desrespeito. O ver sem distância é característica do espetáculo, aí ele elabora um esquema entre *respectare* e *spectare*, apresentando a simetria de conceitos, por consequência com a falta de respeito cria-se a sociedade do espetáculo. Em um ambiente onde tudo é visível, tudo é transparente, tudo é de conhecimento público, o privado é retirado de cena, é leva ao escândalo (HAN, 2018).

Sob essa perspectiva, consideramos uma cena no primeiro episódio da série onde um casal é apresentado juntamente com seu robô em um programa de TV nos moldes

⁷ https://www.imdb.com/title/tt8285216/ratings?ref_=tt_ov_rt (11/10/2019)

dos apresentados no Brasil no período vespertino em alguns canais abertos, com um enfoque bem popular abordando casos escandalosos que ocorrem no interior dos lares (FIG. 1). Nesta cena, o casal é apresentado e um debate ocorre, “*Ter relações sexuais com um robô, é considerado adultério, traição ao cônjuge?*”. O programa é apresentado em vários locais, inclusive públicos em imensas telas que ladeiam edifícios, mas também pode ser visto pessoalmente em uma projeção sobre a pele do antebraço do telespectador. É um claro exemplo da abordagem da desconstrução do *Respeito* apresentada por HAN em sua obra, pois ao abordar aspectos tão íntimos de forma tão avassaladoramente aberta quebram-se todas as distâncias que poderiam permitir um olhar respeitoso sobre o fato, desfaz-se a privacidade por alisamento das relações.

FIGURA 1 – Respeito



FONTE: <https://www.planoaberto.com.br/critica-better-than-us-temporada-1/>

1.2 ESTÉTICA DO TRANSPARENTE

Segundo Han (2018), a topologia do digital consiste de espaços planos, lisos e abertos. Observa-se na série tanto nos espaços públicos (avenidas, ruas, praças) quanto nos espaços privados uma predominância da estética que Han chama de lisa, e também transparente. As vias apresentadas no roteiro normalmente encontram-se desimpedidas, sem tráfego expressivo, não há congestionamento aparente. Há também, principalmente nos espaços fechados, uma grande predominância de transparência (Figuras 2 e 3), representada por telas (presentes em diversos

momentos) projetadas de forma instantânea em fachadas de prédios, ambientes de trabalho e doméstico, sempre transparente, sem oposição, sem resistência. “A tela do *transparente* não permite nenhum desejo, que sempre o desejo pelo outro” (HAN, 2018, l. 408, grifo autor).

A importância do “olhar” é destaque no texto de Han, ele considera a perspectiva visual fundamental na relação com o outro, e esta não deve cair nas armadilhas da positivação ilimitada. Nesse contexto, fiel à tradição Lacaniana de valorização do olhar, Han (2018) cita o autor francês fazendo-lhe deferência, para ele, Lacan (1901 – 1981) diria que a tela sensível ao toque, comum nos dispositivos tecnológicos, se distingue da imagem como tela que protege do olhar do outro, e ao mesmo tempo permite que ele transpareça. A tela escura do celular reflete aquele que a utiliza isolando-o do outro.

A evolução de dispositivos móveis de comunicação apresenta na série, um bracelete e um chip intra-auricular que uma vez conectados ao humano apresentam notificações sobre a pele do antebraço e a comunicação com outros se faz ao comando de voz, chamando o nome do destinatário e obtendo o reconhecimento do dispositivo que realiza a “chamada”. A extinção total do distanciamento pessoal, a interação se dá à flor da pele. “A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho” (HAN, 2017, p. 11).

FIGURA 2 – Robô ARISA



FONTE: <https://oversector.com/ep/1359189/better-than-us-s01e08-720p-web-x264-webtube/>

FIGURA 3 – Telas Transparentes



FONTE: <https://www.imdb.com/title/tt8285216/mediaviewer/rm385978625>

Outro aspecto ilustrativo da estética do transparente dá-se por uma das características observadas no robô *Arisa*, além de outras, a capacidade de perceber os sinais orgânicos de uma pessoa que está faltando com a verdade, ou seja, por várias vezes ele consegue indicar que interlocutores seus ou da família estão mentindo e *Arisa* informa essa conduta. Tal situação ocorre com a ex-senhora *Safronov* quando em um diálogo com o pai de seus filhos, *Arisa* identifica a mentira, informa o fato, mas não consegue compreender a conduta de *George* em insistir com possível reconciliação do casal, mesmo sabendo que a esposa mente ele prefere tê-la ao seu lado, em faz a escolha pela negatividade de *Ala Safronov* à positividade avassaladora de *Arisa* com seu detector de mentiras que tudo percebe. A transparência absoluta mina a relação e não é traduzida pelos algoritmos automáticos do robô. É a positivação excluindo a negatividade inerente no outro, retirando a potência da descoberta, do mistério, da própria subjetividade.

O ser humano *sequer* é transparente *para consigo mesmo*. Segundo Freud, o eu nega precisamente aquilo que o inconsciente afirma e deseja irrestritamente. O Id permanece amplamente oculto no Ego. Assim na psique humana é aberta uma fissura que não deixa o Ego coincidir consigo mesmo. É essa fissura fundamental que impossibilita a autotransparência (HAN, 2017, p. 14, grifo do autor).

Han (2017) reflete que transparência e verdade não são idênticas. Para o filósofo coreano, a verdade é uma negatividade na medida que se põe e impõe, declarando tudo o mais como falso. O excesso de informações por sua própria natureza não produz qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e sentido (HAN, 2017).

No campo social, a abordagem conceitual do transparente se dá na esfera da sociedade, por meio da positivação exacerbada, quando a negatividade natural humana é posta de lado em detrimento do capital, da dinâmica de resultados. Han (2017) entende que as coisas (e a sociedade) se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam *rasas e planas*, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação.

1.3 CONTROLE E VIGILÂNCIA

Além dos aparatos “transparentes e lisos” o filósofo Han reflete sobre os mecanismos de controle e vigilância que a sociedade da transparência e digital impõem à condição humana, voltando a ilustração proporcionada pela série, observa-se que diante dos cenários limpos, lisos, sem congestionamento, sem aglomerações, constata-se um céu tomado por drones⁸, que monitoram as ações e registram os eventos que ocorrem na cidade apresentada, no caso, Moscou no ano de 2029. Esses artefatos auxiliam a polícia na elucidação de crimes, mas também podem cometê-los, como na execução apresentada no último episódio da primeira temporada. Assim, sobre a liberdade em meio ao mundo digital Han (2018, l. 42) vaticina “Arrastamo-nos por trás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto. Embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez”. Portanto, não há liberdade, pois a liberdade reconhece a negatividade no outro, ao contrário são criados sofisticados mecanismos de controle que de tão transparentes, não lhe damos a noção de existência. Nesse contexto, reflete sobre a formação do panóptico⁹ digital, recordando o conceito apresentado por Bentham (1748 - 1832)

⁸ Avião não tripulado, controlado à distância por meios eletrônicos e computacionais, geralmente usado para fins militares em patrulhamento de fronteiras, operações de espionagem, bombardeios etc. (MICHAELIS, 2019).

⁹ Termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados (consta no texto *No enxame, perspectivas do digital* – Byung-Chul Han).

numa perspectiva de uso na sociedade digital. “O imperativo da transparência produz uma forte pressão para o conformismo. Ele faz, como a vigilância permanente por câmeras, surgir a sensação de estar sendo observado. Nisso, consiste seu efeito panóptico” (HAN, 2018, l. 313, 323).

Os habitantes do panóptico digital não são prisioneiros. Eles vivem na ilusão da liberdade. Eles abastecem o panóptico com informações que eles emitem e expõem voluntariamente. [...] A sociedade do controle tem sua consumação lá, onde os habitantes se comunicam não por coação exterior, mas sim, por carência interna, onde, estão, o medo de ter de abdicar de sua esfera privada e íntima dá lugar à carência de se colocar desavergonhadamente à vista, ou seja, onde a liberdade e controle são indistinguíveis (HAN, 2018, l. 1075).

1.4 RESISTÊNCIA E FISSURA

Na série, como resposta ao controle e vigilância, são apresentados aqueles que estão à margem, os “liquidantes”, um grupo de jovens que atua no submundo e ataca os robôs e seus utilizadores de forma generalizada, promovendo atos de vandalismo e extremismo ideológico. No entanto, os “liquidantes” é uma coalizão organizada clandestinamente a determinada pelo diretor da empresa Cronos, que detém o monopólio de comercialização de robôs no contexto da série, ou seja, o próprio fabricante cria um grupo para atacar seus produtos como forma de colocar a opinião pública a seu favor, ampliar a fabricação de robôs e manter o monopólio. O fato de ser subsidiado pelo gestor da empresa não fica claro para o líder dos liquidantes até certo momento onde ele mesmo é alvo de conspiração para exterminá-lo, nesse momento cria-se um cisma, e um novo grupo menor dissidente dos liquidantes passar agir independente, desencadeando atos de mais violência contra a empresa originalmente financiadora de sua ideologia, mortes ocorrem e a primeira fase da série começa a chegar ao seu final.

Em primeiro momento o comportamento dos liquidantes conceito de sociedade da indignação, abordado por Han (2018) quando descreve o comportamento do grupo social que age por meio de ondas de indignação, com fluidez a volatilidade que meios digitais proporcionam.

As ondas de indignação indicam, além disso, uma identificação fraca com a comunidade. Dessa forma, elas não formam nenhum

Nós estável, que apresentasse uma *estrutura de zelo pela sociedade como um todo*. Também o zelo do assim chamado cidadão enraivecido não é [um zelo] por toda a sociedade, mas sim, em larga medida, um *zelo por si mesmo*. Por isso, ele se desfaz de novo rapidamente (HAN, 2018, l. 164, grifo do autor).

Os “liquidantes” se caracterizariam como uma forma de “enxame digital”, movimento social que se pauta por organizar-se por meio das redes digitais e da mesma forma que se constrói rapidamente, se dispersa de forma breve (como os enxames biológicos) caracterizando ações efêmeras, sem lastro, uma perspectiva histórica duradoura. Ao invés da alma inerente da massa, eles são formados por indivíduos singularizados (HAN, 2018). Entretanto, eles agem na fissura, como forma de resistência ao sistema vigente, de forma ainda não bem articulada, violenta, terrorista até; mas atuam como tentativa a resistir a consolidação do *Status quo* de dominação. Com o lema “Vida aos humanos, morte aos robôs” eles atacam robôs como símbolo da artificialização da convivência humana. A forma não articulada, e ausente de lastro não permite aos “liquidantes” evoluir em sua proposta de aniquilação dos robôs, atuam na superfície sem ir ao fundo da problemática, se pautam por ondas de indignação (HAN, 2018, l. 156).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de um objeto de estudo, de análise e reflexão define a construção do texto que se propõe elaborar, o devir reflexivo muda a relação com o objeto, pois estabelece-se uma relação com aquele objeto, na medida de alinhar o entendimento e a subjetividade com a contemplação do objeto de estudo não mais externo, mas interno.

Por meio de uma alegoria mediática, mesclando elementos da filosofia e um objeto cultural televisivo, este artigo visou apresentar uma narrativa reflexiva usando como cenário uma ficção científica. Uma forma ilustrativa de propor uma reflexão filosófica sobre a sociedade digital, uma proposta de diálogo entre a arte e a filosofia para uma abordagem distinguível de deslocamento do paradigma passivo da audiência para uma leitura ativa da mensagem televisiva.

A ilustração construída pela análise da série televisiva apresenta-se, portanto, adequada quando apresenta um futuro hipotético para a humanidade envolvida em contexto transparente, onde as políticas governamentais e as estratégias corporativas são elaboradas com foco na dinâmica da otimização, humanos são substituídos por

robôs como força de trabalho, robôs são constituídos como acompanhantes, como cuidadores. Seres que não falham, não se alimentam, não tem demandas sociais, não fazem greve, a supremacia da positivação sobre a alteridade (negatividade) humana. “Assim, também o futuro é positivado em um presente otimizado” (HAN, 2017, p. 10).

A série tem em seu título uma afirmação “Melhor que humanos”, os robôs seriam, portanto, capazes de ser melhores que nós? Os episódios apresentam uma *Arisa* que evolui com o passar do tempo, aprendendo sobre a humanidade, desenvolvendo ao seu modo um *Páthos* próprio, proporcionando por suas ações, simpatia da filha caçula, empatia pelas dificuldades enfrentadas por *Georgy*, sua conduta leva parte da audiência a torcer por ela desenvolvendo a experiência do espectador. Por sua vez, alguns humanos, personagens do enredo agem justamente de forma oposta, não estabelecendo vínculo nenhum com o outro, numa estratégia muitas vezes narcisista, egoísta e centralizadora. Enquanto *Arisa* é capaz de colocar a própria existência em risco, o gestor da Cronos só pensa em lucrar e fugir para aproveitar as benesses de sua vida desregrada. Uma reflexão bem alinhada com a obra de Han que reflete sobre as consequências prejudiciais à natureza humana do uso positivado dos mecanismos digitais.

As primeiras leituras de BC Han apresentam um terreno um tanto árido, em seus textos, à primeira vista dificilmente vê-se esperança diante de um positivado ao extremo, pornograficamente exposto, alheio ao outro, que não tolera a negatividade, suprime a alteridade. Os meios digitais seriam uma condenação humana? Busca-se um fio de esperança em sua narrativa como forma de apresentar um caminho, uma saída ao cenário por ele mesmo construído diante de uma sociedade que despreza o respeito, que enaltece o espetáculo, o escândalo. Mas como Han tem em entre suas referências Heidegger, observa-se que a linha de esperança em seus trabalhos está vinculada a contemplação do belo e o homem meditante. Uma arte que permita ir ao encontro do outro, a meditação na busca do horizonte fenomenológico e historial que reconstrua o cisma que técnica moderna causou com a essência do homem.

REFERÊNCIAS

AMAZON (Seattle USA) (Comp.). **Internet Movie Database - IMDb**: Better than us. 2018. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt8285216/?ref_=ttep_ep_tt>. Acesso em: 10 out. 2019.

ASIMOV, Isaac. **Eu, Robô**. 2. ed. [s.l.]: Aliança Ocr Brasil, 1969. Trad. de Luiz Horácio da Matta. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Isaac%20Asimov-2.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2019.

BETTER than Us. Direção de Andrey Dzhunkovskiy. Produção de Alexander Kessel, Andrey Dzhunkovskiy, Eduard Iloyan. Realização de Andrey Junkovsky. Moscou: Yellow, Black And White e Sputnik Vostok Production, 2018. 16 episódios, Streaming (50 min.), son., color. Dublado/Legendado. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81026915>>. Acesso em: 10 set. 2019.

CUNHA, Diogo Silva da. Positividade, transparência e controlo. A sociedade da transparência. **Comunicação Pública** [Online], Lisboa, v. 10, n. 17, p. 1-5, ago. 2015. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cp/913>>. Acesso em: 11 out. 2019.

HAN, Byung-chul. **Sociedade da transparência**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **No enxame**: perspectivas do digital. Trad. de Lucas Machado Petrópolis: Vozes, 2018. Disponível em: <<https://ler.amazon.com.br/?asin=B07J2V8VRN>>. Acesso em: 01 out. 2019.

OS JETSONS. Direção de William Hanna e Joseph Barbera. Roteiro: William Hanna e Joseph Barbera. Los Angeles: Hanna-Barbera Productions, Inc., 1963. 24 DVD, son., color. DVD 1ª temp. Disponível em: <<https://www.dvdtalk.com/reviews/10529/jetsons-the-complete-first-season>>. Acesso em: 28 out. 2019.

MICHAELLIS (Org.). **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro>>. Acesso em: 20 out. 2019.

VERNE, Júlio. **A ilha da hélice**. São Paulo: Centauro, 2013.

_____. **Os quinhentos milhões da Begum**. Lisboa: Bibliotrônica Portuguesa, 2016. Disponível em: <<http://gg.gg/milhoes-de-begun-PT>>. Acesso em: 11 out. 2019.

_____. **Vinte mil léguas submarinas**. São Paulo: Hemus, 1982.